

SABER LINGÜÍSTICO NA ACENTUAÇÃO DO PORTUGUÊS

Nadja da Costa Ribeiro Moreira*

Resumo

Discute-se a acentuação das formas nominais do português terminadas em consoante, confrontando as considerações de nossos primeiros ortógrafos e gramáticos - que relacionam a acentuação à estrutura fonológica da sílaba final - com os postulados de fonólogos gerativistas - que afirmam ser a acentuação determinada pela constituição morfológica da palavra. Examina-se a questão face ao saber tácito dos falantes do português, manifestado na acentuação de neologismos, nos erros de acentuação e nos julgamentos sobre pseudopalavras. Fornecem-se dados de um experimento em que essas últimas, apresentadas como radicais temáticos ou aтемáticos, terminados em vogal ou consoante, são contrastadas mediante o fornecimento de informação morfológica constituída por sufixos derivacionais. Os resultados indicam que a presença da consoante na sílaba final corresponde a uma frequência de acentuação nessa sílaba significativamente superior à presença da informação morfológica, o que é mais compatível com as intuições e prescrições dos gramáticos e ortógrafos do que com os postulados gerativistas.

Abstract

This article discusses stress placement in Portuguese nominal forms ending in a consonant, confronting the considerations of our early orthographers and grammarians - to whom stress is related to the phonological structure of the final syllable - with the assumptions of generative phonologists - to whom stress is determined by the morphological constitution of the word. The issue is examined taking into account the knowledge - neither learned nor taught - held by Portuguese speakers, and which is manifested in stress assignment to neologisms, in stress errors, as well as in assigning stress to nonsense words. There is an account of an experiment in which nonsense words,

presented as thematic or non-thematic stems ending in either a vowel or a consonant, are contrasted by supplying morphological information constituted of derivational suffixes. The data indicate that the presence of the consonant in the final syllable corresponds to a significantly higher stress assignment frequency to the syllable than the presence of morphological information. These results are more consistent with the intuitions and prescriptions of the grammarians and orthographers than with the assumptions of the generative phonologists.

Palavras-chave

Língua portuguesa; acentuação fonológica; formas nominais.

1. INTRODUÇÃO

Na ortografia do século XVII, o acento tinha predominantemente função distintiva:

Se as palavras forem diversas, & se escreverem cõ as mesmas letras, como se ve na primeyra & terceyra pessoa do preterito plusquam perfeyto, & na terceyra do futuro dos verbos amar, ouvir, &c. para mostrarmos essa diversidade, escreveremos as pessoas do preterito cõ acento agudo na penultima, como amára, ouvíra, & a pessoa do futuro cõ o mesmo acento ã a ultima, como amará, ouvirá [...] Também distinguiremos os nomes, que tiverem alguma ambiguidade por estes acentos (Barreto, 1671, p.205).

Quase dois séculos depois, o uso do acento conserva ainda a mesma função distintiva:

Quanto ao uso destes acentos, na nossa lingua só he frequente, e precisamente necessario naquellas palavras, que se equívocão hummas com outras, e

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará

so pelos acentos se póde conhecer a sua diversidade, principalmente naquellas, que se escrevem com as mesmas letras, e tem diversa significação (Feijó, 1824, p.19).

A sistematização do uso do acento gráfico com a função de assinalar a sílaba tônica parece ter surgido bem mais tarde, em princípios do século XX, e se patenteia nos estudos ortográficos de Gonçalves Viana. Examinando as “bases fonológicas” do português, para delas deduzir a acentuação gráfica conveniente a adotar, Viana reconhece que:

vocábulos terminados em *i, u*, ou vogal nasal, seguidos ou não de *s*, ou *outra qualquer consoante* (grifo nosso), teem como sílaba predominante a última em geral: javali, javalis, peru, perus, barbacã, barbacãs, marfim, marfins, atum, atuns, casal, altar, rapaz, painel, mulher, fazer, mudez, fuzil, repetis, perdiz, crisol, amador, taful, Ansur, capaz, sendo *r, l, z*, as consoantes, que além do *s*, e de *m, n* acusando nasalização da vogal precedente, podem determinar vocábulo verdadeiramente português; todavia, em nomes peregrinos, como os bíblicos, por exemplo, são frequentes outras consoantes terminais, e a regra de serem agudos tais nomes prevalece, em geral, também: Joab, Jalad, Isac, Oreb, Zared, David, Jacob, Henoc, Habacuc, Talmud, isto quer essas consoantes se profiram, quer não (1904, p.158).

A inexistência do uso do acento para assinalar a tonicidade do vocábulo não significava, entretanto, que a preocupação para com a acentuação fonológica não estivesse presente nas reflexões sobre questões lingüísticas. Já em 1536, Fernão de Oliveira, na primeira gramática da língua portuguesa, e João de Barros, em 1540, na segunda, apresentam suas observações sobre este fenômeno.

Fernão de Oliveira, em seu tratado constituído por um conjunto de reflexões ocasionais, de cunho lingüístico e cultural, e liberto de esquemas sistemáticos, definia o acento (fonológico):

Acento quer dizer principal voz ou tom da dicção, o qual acaba de dar sua forma e melodia às dicções de qualquer língua. [...] Esta forma das dicções a que chamamos acento, sem a qual não se conhecem uns vocábulos dos outros, é necessária em cada parte ou dicção. (p.76).

João de Barros em sua gramática, tipicamente escolar, com fatos gramaticais sistematizados segundo o esquema dos gramáticos latinos, tratando dos “acidentes” da sílaba, entre os quais inclui “o número de letras, espaço de tempo, acento alto ou baixo”, assim explicita o último:

O terceiro acidente da sílaba é canto alto ou baixo, porque, como os músicos alevantam ou abaixam a voz cantando, assim nós temos a mesma ordem, como nesta dicção *lê.mos*, que na primeira sílaba alevantamos e na segunda abaixamos. E dado que em algũa maneira nos poderamos estender com

regras para a quantidade e acento das nossas sílabas, deixamos de o fazer, porque para se bem exemplificar as suas regras houvera de ser em trovas, que têm medidas de pés e quantidade de sílabas (1940, p.4).

Interessa-nos chamar a atenção para estas questões - acento fonológico, acento gráfico, estrutura fonológica da sílaba final - e as reflexões sobre elas feitas por nossos primeiros gramáticos e ortógrafos, para assim guiarmos o leitor em direção ao problema deste estudo: o papel da estrutura fonológica da sílaba final na acentuação do português. Intentamos confrontar as suas considerações, observações e comentários com as propostas da fonologia gerativa referentes à acentuação no português, em especial as de Mateus et al. (1983), que afirmam ser a acentuação das palavras, em nossa língua, ligada à constituição morfológica da palavra e independente, portanto, da estrutura fonológica da sílaba final.

Nesse intento, abordaremos a questão da acentuação no português, segundo a visão do gramático Fernão de Oliveira (1536), do ortógrafo Gonçalves Viana (1904) e dos lingüistas gerativos Chomsky e Halle (1968), Mateus et al. (1983).

Ao gramático, cuja descrição dos sons manifesta aguda percepção e clara antevisão de muitos problemas lingüísticos, recorreremos para recolher suas idéias sobre a posição do acento e os fatores que nela interferem. Ao ortógrafo, para verificar, quase quatro séculos depois, as repercussões das idéias sobre acentuação no sistema de acentuação gráfica do português, posto que inteirar-se da ortografia de uma palavra é justificá-la sob o ponto de vista de princípios vários: fonético-gráfico, que consiste em representar, de acordo com os recursos gráficos da língua, os seus sons, admitindo assimetrias nessa representação, na condição de serem elas regulares e determinadas pelo ambiente; morfológico, que consiste em dar a mesma forma gráfica a um morfema, independentemente das alternâncias que o possam afetar na derivação; etimológico, que visa a reproduzir as grafias próprias das respectivas línguas de onde se originaram as palavras em questão; princípio de diferenciação, que serve para distinguir homônimos (Gak, 1976). Aos gerativistas, para situar o problema da acentuação fonológica na teoria gerativa e enfocar, nessa perspectiva teórica, a mesma questão na língua portuguesa.

Examinaremos a questão da acentuação face ao saber não-aprendido e não-ensinado dos falantes do português, manifestado na acentuação de neologismos, oníônimos (palavras surgidas para nomear artigos comerciais, marcas industriais), manifestados também nos erros de linguagem constituídos pela mudança da tônica dos vocábulos e, ainda, nos julgamentos de falantes do português sobre a tonicidade de pseudopalavras.

Nossa intenção é, num contraponto entre postulados intuitivos e impressionistas, derivados da observação de fatos concretos da língua, e postulados científicos, derivados da lingüística teórica, tentar encontrar explicações satisfatórias para o fenômeno da acentuação fonológica do português,

cuja relativa previsibilidade se manifesta no conhecimento não-aprendido e não-ensinado de seus falantes.

2. A ACENTUAÇÃO SEGUNDO OS GERATIVISTAS

Para compreender e produzir um número indefinido de frases nunca antes encontradas é necessário ao falante nativo, de acordo com os postulados da gramática gerativa, um conhecimento de regras ou princípios que possibilitem a formação de novas frases a partir de um repertório de itens estocados, extraídos da própria experiência lingüística do falante. Assim, o conhecimento lingüístico consiste de informação que o falante memoriza a partir de sua experiência prévia e de princípios que permitam a este corpo finito de informação memorizada servir como base para a construção de infinitas frases (Kenstowicz & Kisseberth, 1979).

A gramática gerativa assume que os morfemas de uma língua são estocados pelo falante em um dispositivo de listagem, chamado léxico, que contém toda a informação imprevisível, idiossincrática, sobre o comportamento sintático, semântico, fonológico de cada morfema que o falante conhece.

Ao lado desse conhecimento imprevisível, é necessário supor a existência de um conjunto de regras sintáticas que especificam como os morfemas são combinados para formar frases ou sintagmas. As regras de estrutura de frases ou sintagmas são localizadas no componente sintático da gramática e podem ser vistas como regras de construção de diagramas representativos das relações gramaticais entre os elementos constitutivos de uma frase. O componente sintático da gramática contém um léxico que lista os itens lexicais com suas propriedades inerentes, ou seja, com a informação referente ao comportamento sintático do morfema, aos traços semânticos característicos e à sua pronúncia. Assim constituídos, os itens lexicais são inseridos nos diagramas gerados pelo componente sintático, do que resulta a formação de uma estrutura de superfície para cada enunciado.

O léxico da gramática tem uma representação de natureza abstrata, onde são indicadas somente as especificações de itens lexicais não determinadas por regra geral. Dessa forma, nem todas as especificações sobre a pronúncia de um item lexical estão no léxico, o que torna as representações lexicais subjacentes mais abstratas do que as fonéticas.

A fonologia gerativa distingue dois tipos de informação fonética: uma informação sobre propriedades idiossincráticas de realização de morfemas particulares e outra referente a regularidades sistemáticas da estrutura sonora da língua. Na palavra “testa”, o fato de o segmento inicial ter a propriedade de possuir os traços [-soante], [+anterior], [+coronal], [-recuado], [-sonoro], [-nasal] é uma característica idiossincrática. Para o falante do português seria impossível, a partir de seu conhecimento da língua prever que o som inicial deste morfema teria o traço de [-sonoro], ou de [-nasal], uma vez que, no português,

outros segmentos constituídos pelos mesmos traços, exceto no que se refere aos de sonoridade ou de nasalidade, podem também iniciar outros morfemas em uma mesmo contexto fonológico, por exemplo, “desta”, “nesta”. Ao aprender os morfemas de uma língua, a maior parte de informações deste tipo deve ser simplesmente memorizada.

Mas nem todos os segmentos desses morfemas têm traços fonéticos de natureza idiossincrática. Nas três palavras, o terceiro segmento se realiza como [-anterior], em vários dialetos brasileiros, por exemplo, no cearense, e como [+anterior] em outros. Para os cearenses isto ocorre diante de [t], o que torna esse traço uma manifestação de uma regularidade geral dos padrões sonoros desse falar. Assim, a representação fonética de *testa* tem alguns traços que são manifestações de regularidades gerais do padrão sonoro de vários dialetos do português e outros que são propriedades idiossincráticas do morfema.

Extrapolando para outro nível, podemos também dizer que na acentuação das palavras do português há informações sistemáticas, derivadas da aplicação de regras fonológicas, e informações idiossincráticas. Falando sobre a abstração da representação lexical, Chomsky e Halle (1968) propõem que as formas subjacentes do léxico, em geral, não contém indicação do contorno acentual dos itens, uma vez que grande parte destes itens lexicais recebe acentuação por meio de regras fonológicas, não tendo, portanto, informação acentual idiossincrática, aquela que seria determinada no léxico.

Acento, duração, entonação têm sido tradicionalmente considerados qualitativamente diferentes de traços segmentais. Com o desenvolvimento dos estudos na fonologia gerativa (Chomsky e Halle), todos os traços fonológicos, incluindo os supra-segmentais, como o acento, tornaram-se traços segmentais (Fromkin, 1988).

Simultaneamente a esses estudos das fonologias ditas lineares, surge o trabalho de Liberman e Prince (1977), no qual o acento de palavras é abordado através da proeminência relativa entre sílabas.

Esses últimos autores propõem uma descrição do acento e do ritmo com base num sistema formal, envolvendo estruturas arbóreas e redes métricas (*metrical grids*), com ramificações binárias em que o nó mais forte de um par de sílabas é rotulado de “s” (*strong*) e o mais fraco de “w” (*weak*). Essas estruturas têm sido utilizadas para descrever a estrutura acentual de sintagmas (nominais, verbais, adjetivais, frasais), de palavras ou mesmo de sílabas.

Propondo que o acento não deve ser referido primordialmente às propriedades de segmentos ou sílabas, pois as características essenciais dos sistemas acentuais só poderiam ser descritas numa teoria que reconhecesse a hierarquia como um modo de organização fonológica, afirmam os autores que “as palavras têm uma estrutura métrica interna na qual sílabas e grupos de sílabas são pesados uns contra os outros” (p.264). Em outras palavras, as propriedades de segmentos ou sílabas refletiriam um ritmo estruturante hierárquico. Seria esse ritmo que organizaria as sílabas, palavras e constituintes sintáticos de frases.

Em sua teoria métrica, as propriedades fonéticas dos segmentos são irrelevantes. O que importa são as relações hierárquicas entre segmentos. Estas envolvem estruturas silábicas, sintagmas, acento, que é visto como a estrutura rítmica de um enunciado, corporificando contrastes relativos de proeminência, mais do que propriedades fonéticas locais de vogais. Estudos posteriores nessa mesma linha de abordagem, da fonologia dita não-linear, reforçam a relativa independência entre traços supra-segmentais e segmentos com os quais estariam os primeiros associados. Tal independência tem como apoio dados de erros de fala. Fromkin (1988), argumentando que o acento frasal deve ser independente de segmentos e até mesmo de palavras, apresenta, como evidência, enunciados com palavras intercambiadas e acento mantido no mesmo lugar que ocuparia no enunciado pretendido.

2.1. A acentuação no português

A acentuação é uma entidade que torna uma sílaba mais proeminente do que as demais não acentuadas (Mohan, 1986). Embora diferentes línguas escolham diferentes modos de tornar uma sílaba mais proeminente do que outras, três parâmetros básicos da implementação fonética do acento foram identificados na literatura: duração, amplitude ou intensidade, e frequência fundamental ou altura.

Na língua portuguesa, o “acento resulta da conjugação das propriedades de intensidade, duração e altura do som vocálico, e marca uma sílaba mais ‘forte’ na seqüência fonética” (Mateus et al, 1983, p.515).

Tratando do acento e ritmo do português brasileiro, Major (1985) apresenta evidências de que, embora essa língua apresente os três correlatos acústicos de acento - altura, intensidade, duração - esse último é dos três o mais consistente: “a altura e intensidade relativas das sílabas podem variar consideravelmente, enquanto a proporção duracional permanece bastante constante. Isto indica que o correlato acústico primário do acento no português brasileiro é o comprimento (duração)” (p.261). O conhecimento intuitivo deste fato pelos falantes nativos parece-nos presente nas instruções, de professores de alfabetização e de séries iniciais, sobre a sílaba tônica das palavras, quando mandam a criança chamar a palavra (como quem chama alguém) para que, verificando a sílaba de maior duração, nela identifique a tônica.

Segundo Goldsmith (1989), os princípios determinantes do acento podem geralmente ser divididos em princípios que colocam o acento numa posição silábica fixa em cada palavra, princípios que determinam o acento com base na estrutura morfológica e princípios que o determinam com base na estrutura interna da sílaba.

Em oposição às línguas de acento fixo, ou seja, línguas em que o acento é previsível, incidindo sempre sobre determinada sílaba, independentemente do constituinte morfológico a que pertença, como o húngaro, o polaco, o turco, o português é uma língua de acento livre. E isso se deve ao fato de a acentuação da palavra estar relacionada com a sua constituição morfológica (Mateus et al., 1983).

A respeito do aparecimento, em uma língua, do acento livre, afirma Martinet (1971) derivar de acidentes diacrônicos que, eliminando elementos condicionantes da posição do acento, tornam essa posição independente do contexto, o que é bem ilustrado pela passagem do acento fixo do latim clássico ao acento livre das línguas românicas, como o português, o espanhol.

O fato de ser o acento fixo ou livre não parece repercutir sobre a acentuação gráfica das línguas. Na ortografia do francês, língua de acento fixo, na do português e do espanhol, de acento livre, o acento gráfico é usado para indicar tonicidade; no inglês, de acento também livre, não o é. Sobre o desenvolvimento do foneticismo de certas ortografias, diz Thimmonier (1976), dever-se ao cuidado de tornar a língua mais acessível aos estrangeiros. Isso se verificou, por exemplo, com o uso dos acentos gráficos sobre as palavras gregas, língua falada no Egito apenas pelos alógenos, que tinham a necessidade de fixá-los sobre o lugar que ocupava o acento na palavra.

Na ortografia inglesa, a variação fonética previsível por regra geral não é indicada. Nela não se refletem a colocação do acento nem alterações regulares de vogais e consoantes, pois é:

um sistema projetado para leitores que conhecem a língua, que compreendem as frases e portanto conhecem a estrutura de superfície das frases. Tais leitores, dada uma representação ortográfica e a estrutura de superfície, podem produzir as formas fonéticas corretas, através das regras que empregam na produção e interpretação de frases (Chomsky e Halle, 1968, p.49).

No português, a indicação gráfica do acento pode recair sobre sílabas acentuadas por regras fonológicas ou sobre sílabas acentuadas com excepcionalidade, se levarmos em conta a descrição feita por Mateus et al., (1983). No primeiro caso temos, por exemplo, formas verbais como falávamos, batêssemos, partíamos; formas nominais como café, português, chapéu. Tanto nas formas verbais como nas nominais temos uma informação sistemática, uma vez que a sua acentuação é derivada de regras fonológicas, ligadas à constituição morfológica da palavra, que determinam a incidência do acento sobre a vogal temática dos verbos e sobre a última vogal do radical dos nomes. No segundo caso, temos cálice, ópera, nível, cuja informação acentual é idiossincrática: as formas nominais acentuadas na penúltima vogal do radical são marcadas no léxico como excepcionais, “visto que sua acentuação, historicamente motivada, não pode ser generalizada a partir dos dados sincrônicos” (p.514).

Nas formas verbais há restrições à aplicação da regra geral de acento nos verbos (acentuar a última vogal do tema), que é substituída por outras, como ocorre com certas formas do presente do indicativo, presente do subjuntivo, imperativo, sujeitas à acentuação na vogal do radical, ou as do futuro do indicativo e do condicional, sujeitas à acentuação na primeira vogal do morfema de tempo.

Nas formas nominais há também restrições à aplicação da regra geral de acento nos nomes. As formas não sujeitas à regra geral são nesse caso, contudo, marcadas no léxico como excepcionais.

A regra geral de acentuação dos nomes, foco deste estudo, prevê a acentuação na última vogal do radical, que pode ocupar o penúltimo lugar ou o último, conforme a palavra apresente ou não uma vogal (ou semivogal) morfemática, em superfície (Mateus et al, 1983). São exemplos de radicais com vogal morfemática presente e acento na penúltima sílaba: mes+a, revist+a, leit+e, lind+o. Como exemplos de radicais sem vogal morfemática presente e acento na última sílaba, temos animal, amor, rapaz, português, irmã, boi, café, avô.

Assim para Mateus et al, o que deve ser levado em consideração para a acentuação das formas nominais do português, no que se refere à distinção entre acentuação na última ou penúltima sílaba é a ausência ou presença de uma vogal morfemática em superfície. Quanto à acentuação da antepenúltima sílaba, esta é sempre marcada no léxico.

Como corolário desse postulado poderíamos supor que a acentuação de nomes desconhecidos terminados em vogal e sem vogal morfemática, isto é, radicais atemáticos desconhecidos, teriam uma implementação correta da acentuação se o falante tivesse acesso à informação morfológica necessária à identificação de radicais temáticos ou atemáticos. A estrutura fonológica da sílaba final não condicionaria a acentuação, pois, conforme Mateus et al., a excepcionalidade na acentuação das palavras não se relaciona com a presença de uma consoante, um ditongo ou uma vogal acentuada em posição final absoluta.

Em português, as consoantes finais devem a sua origem à idêntica posição no latim ou à queda posterior de algum fonema final (Coutinho, 1973). Das consoantes finais latinas, conservam-se em português *-s*, *-r*, e as nasais, nas palavras monossilábicas. Das consoantes surgidas por queda da vogal final, tem-se *-l*, *-r*, *-s*: *fidele* > fiel; *mare* > mar; *mense* > mês. A consoante *-z* também torna-se final por essa mesma razão, após a sonorização do *-c-* intervocálico latino: *luce* > luz.

Ao nível de superfície, o sistema fonológico do português do Brasil reduz mais ainda essas consoantes: o *-l* semivocaliza-se, em muitas variantes brasileiras, não só no final de palavra mas também no final de sílaba; o */r/* final sofre supressão ou velarização.

Segundo Mattoso Câmara (1977), “com exceção das líquidas e das sibilantes, não há propriamente entre nós consoante pós-vocálica” (p.105). Para ele, os vocábulos terminados em consoante líquida e ditongo tendem a ter a última sílaba tônica. Embora este fato reduza a frequência de outros tipos de acentuação nessas condições, não estabelece uma acentuação oxítona mecanicamente determinada pela natureza da sílaba final.

Nesta questão, portanto, gerativistas, como Mateus et al., e estruturalistas, como Mattoso Câmara, parecem concordar, a despeito do posicionamento contrário de

gramáticos e ortógrafos. Os gramáticos, reconhecendo o condicionamento do acento fonológico à sílaba final; os ortógrafos, incorporando esse reconhecimento a fim de prescreverem regras de acentuação.

Temos, assim, de um lado postulados descritivos - gerativistas e estruturalistas - que rejeitam a interferência da sílaba final como determinante da acentuação de palavras. De outro, postulados ortográficos que acentuam este fator: nas paroxítonas terminadas em *r*, *l*, *n*, por exemplo, o acento gráfico deve ser usado. Isso equivale a dizer que palavras assim terminadas são “naturalmente” oxítonas. É esta a concepção que examinaremos no gramático Fernão de Oliveira e em ortógrafos portugueses.

3. A ACENTUAÇÃO SEGUNDO OS PRIMEIROS GRAMÁTICOS E ORTÓGRAFOS

Falando a respeito da letra *l*, em 1671, dizia Barretto: “Nella acabam muytos vocabulos nossos, precedendolhe todas as vogaes. Sua prerogativa he fazer levantar o mays alto tono e) a musica” (p.146). E sobre a letra *r*, apresenta uma observação que, embora não se relacione à acentuação, mostra uma aguda sensibilidade para com fatos lingüísticos, registrados pelos estudos sociolingüísticos contemporâneos: “Sua pronunciaçã a muytas nações he trabalhosa, [...] porque ou a deyxam de todo, ou a transtornã, dizêdo ã lugar de prato, pato ou parto; outros a trocam ãl [...] & por quarto, pronunciam qualto, o que tâbê he proprio nos minimos, porque nã tẽ força para o exprimir” (p.165). Sobre o acento dizia:

Acento he aquelle sô, ou tô, que nas palavras se sente ã a pronunciaçã de cada sílaba; & nã he necessario que eu cõ mays palavras mostre que cada silaba tẽ o seu sô, quando se pronuncia, porque todos sabem muyto bẽ, que sã sô nã se póde pronunciar; donde fica claro que cada silaba tẽ seu sô. Mãs, porque as silabas nã se pronunciam todas de ã módo, porque umas saõ longas, & outras breves, segundo a detença de tempo, ã que saõ pronunciadas (1671, p.202).

Nessa explanação, vemos a noção de duração como principal elemento acústico na caracterização acentual, o que também está presente mais de três séculos depois, nos estudos fonológicos.

A duração não parece ser considerada por Feijó (1824) na sua definição de acento:

he aquelle tom, que na pronunciação das palavras faz cada uma das vogaes junta com outras letras, a que chamamos syllaba. Porque em humas se levanta a voz, ferindo com mais força o ar; em outras se deprime, ou abate; e em outras nem se deprime, nem se levanta totalmente, mas fica em meio tom: e por isso os Tons, ou Accentos principaes da pronunciação são tres, Accento Agudo, Accento Grave e Accento Circunflexo (p.17).

Fernão de Oliveira, que da problemática gramatical no Renascimento retém apenas a ortografia, dedicando grande parte de sua gramática à descrição fonética, faz, em 1536, a curiosa reflexão sobre a quantidade vocálica:

A quantidade das sílabas de nossa língua é mui fácil de conhecer, porque as vogais em si dão certa voz distinta as grandes (vogais abertas) das pequenas (vogais fechadas) e as pequenas das grandes. Contudo, as grandes podem gastar mais ou menos tempo umas que as outras, e as pequenas outro tanto entre si segundo as consoantes que se seguem adiante, as quais também ajudam acrescentar ou diminuir nas vozes. Porque de necessidade mais tempo gastam duas consoantes que uma, as quais também têm espírito e ajudam a soar e ter voz: mais tempo tem esta vogal a grande em gasto que em gato, e mais tem esta letra e em presto que em perto [...] mais soa e pequeno na penúltima de escreveste que de memórea, porque em escreveste tem adiante, na mesma sílaba, uma letra consoante, s, e em memórea tem logo outra vogal em outra sílaba, a qual lhe tira parte da voz. [...] E esta é a causa porque ainda em memórea e outras semelhantes partes a penúltima parece mais pequena, porque antes de si tem uma sílaba grande com acento. (p.74).

Em sua gramática, Fernão de Oliveira, em meio a ricos pormenores descritivos e curiosas considerações culturais, afirma:

Na última sílaba estará o acento das nossas dicções quando elas acabam em r, como pomar [...] Também têm o acento na última as partes acabadas em z, como rapaz [...] E quando acabam em l, como bancal [...] e outro tanto as acabadas em s, como Tomas [...] e tirando os verbos, os quais [...] não guardam esta regra, mas vão por outro caminho [...] As dicções acabadas em til têm o acento na última, como escrevão [...] Também as dicções acabadas nesta terminação em ão têm muitas vezes o acento na última, como linhagem e menagem. Mas vintém, alguém, arrevém, almazém, desdém e outras, têm o acento na última, como diz a regra. (p.78).

Vê-se aí o relevo atribuído à estrutura fonológica da sílaba final na acentuação das palavras do português, aspecto esse rejeitado tanto por estruturalistas como por gerativistas, mas considerado por ortógrafos do início do século, como Gonçalves Viana. Analisando alguns pontos propostos pela Reforma Ortográfica da Academia Brasileira, de 1907, critica ele a “falta de acentuação escrita (que) desatende o primeiro (de seus preceitos) essencialíssimo.

Um dos preceitos que resumem e orientam as suas regras é o de que as diferenças na fala têm que corresponder a diferenças na escrita. Para Gonçalves Viana, a acentuação gráfica deveria sempre indicar a sílaba predominante da palavra, quer pela presença do acento, quer pela sua ausência. Assim, a excepcionalidade acentual às regras gerais é que seria marcada.

Na sistematização do uso do acento gráfico, Viana, preconizando a sua utilização para esquemas acentuais menos freqüentes, parece reger-se por um princípio de simplificação, motivado por fatores de aprendizagem e mnemônicos, princípio este constatado na evolução histórica dos vários sistemas de escrita. A tentativa de simplificação gráfica revela-se tanto na forma dos caracteres quanto no número. Nos sistemas pictográficos, os desenhos tornam-se esquemáticos e estilizados na passagem da representação de um acontecimento específico para um tipo de acontecimento. Nos logográficos, esta tentativa nasce da impossibilidade prática de uma representação icônica generalizada. Nos alfabéticos, o número de unidades gráficas procura representar apenas os elementos fônicos com papel distintivo no sistema fonológico (Gelb, 1962).

Voltando às regras de Gonçalves Viana, recorreremos apenas àquela que diz respeito à acentuação das paroxítonas terminadas em consoantes, e já citada na introdução:

Vocábulo terminado em i, u, ou vogal nasal, seguidos ou não de s, ou outra qualquer consoante, tem como sílaba predominante a última em geral [...] sendo r, l, z, as consoantes, que, além do s, e de m, n acusando nasalização da vogal precedente, podem determinar vocábulo verdadeiramente português; todavia, em nomes peregrinos, como os bíblicos, por exemplo, são frequentes outras consoantes terminais, e a regra de serem agudos tais nomes prevalece, em geral, também” (1904, p.158).

Estas noções de gramáticos e ortógrafos de séculos passados, consideradas acientíficas e impressionísticas, parecem-nos mais perto do conhecimento tácito do falante do português sobre acentuação do que os postulados científicos gerativistas de Mateus et al. (1983).

4. O CONHECIMENTO TÁCITO DE FALANTES

“O falante nativo de uma língua sabe muito sobre sua língua que nunca lhe foi ensinado” (Halle, 1979, p.294). O conhecimento tácito dos falantes do português pode ser ilustrado pela identificação de seqüências segmentais aceitáveis ou inaceitáveis, e.g., *ferte* mas não *rfete*; pelo reconhecimento de itens lexicais possíveis embora inexistentes, e.g., *os prozeis parilos frobemente cradam ditofos aos menados*; pela identificação da ordenação adequada ou não de um conjunto de palavras, e.g., *cebola ela pequenas em cortou a rodela*; pela possibilidade de atribuir ou não um significado a um conjunto de palavras, e.g., *uma pitanga azul atirou-me um vácuo*.

Esse complexo saber lingüístico é dominado sem ser ensinado. Descobrir e explicitar a natureza das regras que constituem tal conhecimento é uma das tarefas dos lingüistas, em especial dos gerativistas, que consideram os julgamentos de aceitabilidade ou a produção lingüística do falante como evidências para a construção de descrições lingüísticas, uma

vez que a seu comportamento subjazem os fenômenos mentais. Quais seriam então as evidências lingüísticas referentes à acentuação de formas nominais inventadas para atender a demandas da sociedade contemporânea? Examinaremos essa questão na criação de oniônimos.

Na produção de sons, palavras ou frases, falantes nativos, assim como não-nativos, cometem deslizos, provocados por falta de atenção, fadiga, descuido ou qualquer outro aspecto do desempenho. Outras vezes cometem erros que derivam da falta de conhecimento ou de conhecimento incompleto a respeito de vocabulário, pronúncia, gramática. Desses, interessam-nos aqueles constituídos pela mudança da sílaba tônica em palavras. Parece-nos neles haver uma regularidade que deve ser considerada na descrição da acentuação do português, uma vez que regularidade significa previsibilidade, e esta é condicionada tanto pela experiência do falante como pelo sistema lingüístico. Esse segundo aspecto será examinado nas “silabadas”.

Evidências lingüísticas relativas à acentuação também podem ser obtidas na identificação de sílabas tônicas de pseudopalavras, terminadas em vogal e configuradas como radicais temáticos ou atemáticos, mediante a apresentação da informação morfológica de seus derivados. Sabemos que a vogal morfemática, sendo átona, diante de sufixo iniciado por vogal, sofre elisão ou crase, e.g., *livro+aria* = *livraria*. Já com a vogal tônica final de nomes que não apresentam vogal morfemática, esta elisão ou crase não ocorre, e.g., *cipó+al* = *cipoal*.

Poderemos, assim, estabelecer contraste entre radicais atemáticos terminados em vogal tônica e radicais temáticos terminados em vogal átona, através da apresentação de sufixos derivacionais. A acentuação dos radicais primitivos terminados em vogal, comparada a dos terminados em consoante, será examinada no final desta seção.

4.1. Oniônimos

A nítida preferência pela acentuação na última sílaba de palavras terminadas em consoante manifesta-se na criação de neologismos. Dentre estes sobressaem os oniônimos, “nome próprios referentes a marcas industriais ou artigos comerciais” (Monteiro, 1986, p.197).

Analisando os processos mais comuns de formação destas formas nominiais, cujas formas gráficas nem sempre se regem pelo Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, por freqüentemente pretenderem evocar a procedência estrangeira do produto por elas nomeado, Monteiro levanta um total de oitenta e dois oniônimos, excluindo-se os formados por derivação imprópria e os locucionais. Deste total, 59 (72%) têm sílaba final terminada em consoante, ou sílaba travada.

Não obstante as sílabas predominantes em português sejam as livres, a estrutura fonológica dos oniônimos, em que não só aparecem as sílabas travadas por *r*, *l*, *s*, *x* ou

nasalação, autorizadas ortograficamente, mas também as travadas por *c*, *p*, *t*, revela uma inegável preferência pela acentuação na última sílaba. Dos 59 oniônimos com sílaba travada, apenas dois, *Fiat* e *Librium*, não têm, talvez pela manutenção de sua acentuação latina, acento na última. Dentre os demais, podemos, recorrendo à exemplificação de Monteiro (1986), citar:

Terminados em *l*: *Adsal*, *Melhoral*, *Pulmonal*, *Iodetal*, *Tensil*, *Dermil*, *Doril*, *Dietil*, *Limpol*, *Fosfosol*, *Estomanol*, *Viol*.

Terminados em *n*: *Regulan*, *Infiltran*, *Ovulen*, *Anausen*, *Resprin*, *Aerolin*, *Diabeton*, *Neston*.

Terminados em *x*: *Primax*, *Adnax*, *Restaurex*, *Durex*, *Colorex*, *Vitamix*, *Brilux*.

Terminados em *c*, *p*, *t*: *Pervinc*, *Brastemp*, *Fixodent*, *Esbelt*.

Terminados em *r*: *Recolor*, *Fanabor*.

Se não é a estrutura fonológica da sílaba final aquilo que condiciona a acentuação da palavra no português, o que subjaz a esse comportamento acentual dos falantes ao criarem neologismos? O conhecimento dos constituintes morfológicos da palavra, como dizem Mateus et al.?

O peso da sílaba, em várias línguas, tem sido visto como uma das características determinantes do acento (Goldsmith, 1989). E a característica mais comumente eleita para determinar o peso de uma sílaba é o aparecimento de duas posições na rima. Uma sílaba travada, terminando em uma vogal mais, no mínimo, uma consoante é considerada como uma sílaba pesada.

Os dois constituintes imediatos da sílaba, em sua estrutura interna, são o *onset* e a rima. Este último, um constituinte superordenado para o núcleo e a coda. Examinando a estrutura interna das sílabas no português do Brasil, Major (1985) afirma possuírem as sílabas pré-tônicas e tônicas um máximo de cinco segmentos, e as pós-tônicas, um máximo de quatro. Os *onsets* para todas as posições incluem de zero a dois elementos, e a rima de um a quatro, nas pré-tônicas e tônicas, e um a três nas pós-tônicas. Quando a rima termina com /r/, a seqüência semivogal + vogal + /r/ só é permitida pré-tônica e tonicamente, e.g., [kwax'tew], [k'waxtu]. O peso da sílaba e as restrições fonotáticas não seriam fatores a considerar na determinação do acento?

4.2. “Silabadas”

Quanto aos erros de mudança da tônica, podemos deles nos aproximar indiretamente, através de exemplários de palavras que apresentam dúvidas de acentuação, como por exemplo o de Luft (1985), ou através de elencos de palavras acentuadas inadequadamente apresentadas ao lado das formas corretas respectivas, como os de Santos (1941) e de Elia & Elia (1979).

No exemplário dos paroxítonos (Luft), de um total de 161 vocábulos, 128 (80%) terminam em *r*, *l*, *n*, *x*; e no

dos oxítonos e monossílabos tônicos, dos 84 oxítonos, 73 (87%) terminam em vogal seguida ou não de *s*. Apesar de Luft afirmar que sua escolha recaiu sobre aqueles vocábulos cuja grafia oferecesse outras dúvidas além da acentuação, é claro que essas últimas foram determinantes da escolha. Implicitamente o que temos é o conflito entre duas tendências acentuais: a tendência paroxítonal das palavras do português terminadas em vogal contrapondo-se à tendência pela acentuação final daquelas terminadas em consoantes.

Santos (1941), a respeito da necessidade das “notações”, atribui à ausência de diacríticos a alteração da pronúncia de vários vocábulos e o crescimento do “número de translações tônicas que hoje perpetrada a boca dos indoutos” (p.287).

Recomendando “evitar ou corrigir a acentuação prosódica”, lista, emparelhadamente, 62 palavras “transitoriamente acentuadas com o fim de pôr em relevo a sílaba tônica”, das quais 14 terminam em *l, r*, vogal ou ditongo nasal. Destas 14, em 7, o erro prosódico consiste em mudança da tônica para a última sílaba: *Bolivár* por *Bolívar*, *gracíl* por *grácil*, *projétíl* por *projétil*, *nenufár* por *nenúfar*, *pensíl* por *pênsil*, *textíl* por *têxtil*, *zangão* por *zângão*. Nas demais dá-se o inverso: o deslocamento é da última para a penúltima, e.g., *nóvel* por *novél*, *réfem* por *refém*. Mas é interessante notar que em nenhuma palavra terminada em vogal, a não ser *resedá* por *resêda*, aparece essa mudança do acento da penúltima para a última sílaba.

Das 91 palavras listadas por Elia & Elia (1979), 14 também terminam em consoante, vogal ou ditongo nasalizados, das quais 4, *pênsil*, *refém*, *novel* e *nenúfar*, constam no elenco de Santos. O deslocamento do acento da penúltima para a última ocorre em seis delas: *dispar* por *díspar*, *onix* por *ônix*, *habitat* por *habítat*, *nenufar* por *nenúfar*, *pensil* por *pênsil*, *requiém* por *réquiem*, *sotão* por *sótão*. Apenas em uma palavra terminada em vogal ocorre esse deslocamento - *alibi* por *álibi*.

Nas duas listas, em palavras terminadas em vogal todas as mudanças acentuais consistem no deslocamento do acento da antepenúltima para a penúltima, o que é predominante, ou vice-versa.

Enquanto os estruturalistas consideram que apenas os fenômenos públicos e observáveis são cientificamente válidos e relevantes para a formulação de uma teoria linguística científica, priorizando a visão “externalista”, os gerativistas recusam esses limites impostos àquilo que seria admissível como dado linguístico e postulam a necessidade de levar-se em conta os julgamentos de falantes, suas intuições, os erros produzidos. Consideram alguns que a possibilidade de uma teoria linguística ser verdadeira está na medida de ser capaz de lidar com as mais diversas evidências.

A tendência acentual do português é paroxítonal. Em estudo realizado em um texto de Cruz e Sousa, Couto (1985) demonstra a “esmagadora maioria das paroxítonas”: no total de 685 palavras, 547 eram paroxítonas. Isso talvez explique a acentuação na penúltima sílaba em 50% das palavras terminadas em consoante, nas duas listas. Mas por que 50%

de acentuação na última sílaba, se o que importa, segundo Mateus et al (1983), é a constituição morfológica da palavra? Por que as palavras terminadas em vogal não sofrem mudanças de acento para a última sílaba mas apenas entre a antepenúltima e a penúltima? E por que as terminadas em consoante só o sofrem entre a última e a penúltima? Por que não há proparoxítonas terminadas em consoante a não ser em -s (morfema de plural quase sempre)? Das 9.684 palavras proparoxítonas, elencadas por Castelões (s/d), apenas 0,7% terminam em -s e nenhuma proparoxítona propriamente dita acaba em *r, l, n* ou *x*.

Poder-se-ia pensar que formas nominais paroxítonas, terminadas em *l, r, n, x* são acentuadas excepcionalmente e têm, portanto, de ser memorizadas. Como diz Mohanan (1986), “aquilo que não pode ser fornecido através dos princípios da gramática deve tornar-se disponível através de listagem” (p.53). Assim, se o falante não tem ainda estocado no léxico mental as formas excepcionais, recorrerá ao seu saber acentual tácito, que constringeria a acentuação da palavra a regras fonológicas sistemáticas. Como o acento da palavra aplicado por regra geral está ligado à constituição morfológica da palavra, conforme Mateus et al (1983), e palavras terminadas em consoante não possuem vogal temática, o acento incidiria sobre a última vogal do radical.

Isso explicaria a acentuação na última sílaba das palavras terminadas em consoante e acentuadas com excepcionalidade. Naquelas de acentuação regular, a simples presença da consoante traduziria uma informação morfológica que levaria o falante a também acentuar a última sílaba.

Mas para que a consoante não seja elemento determinante na acentuação das palavras, necessário seria que palavras terminadas em vogal que não apresentam, em superfície, vogal morfemática fossem também percebidas como radicais atemáticos e acentuadas, portanto, na última sílaba. Isso não parece ocorrer como mostra o pequeno experimento relatado a seguir.

4.3. A acentuação de pseudopalavras

Os sufixos formadores de diminutivos -*inho* e -*zinho*, muito freqüentes em português, têm uma distribuição regularmente previsível, ocorrendo o primeiro em palavras primitivas terminadas por vogal átona, e o segundo naquelas terminadas em vogal nasal (*maçãzinha*), vogal tônica (*sofázinho*) ou em ditongo (*paizinho*). Assim os seguintes homófonos, que se opõem pela posição do acento têm uma forma diminutiva relativamente previsível: *baba* X *babá* (*babinha* X *babazinha*); *bico* X *bicó* (*biquinho* X *bicozinho*); *cara* X *cará* (*carinha* X *carazinho*); *jaca* X *jacá* (*jaquinha* X *jacazinho*) e outros tantos.

Se as palavras primitivas terminadas em vogal átona apresentam algumas exceções, como *corpinho* / *corpozinho*, *grandinha* / *grandezinha*, *pobrinha* / *pobrezinha*, *dentinho* / *dentezinho*, *campinho* / *camposinho*, aquelas terminadas em vogal tônica não parecem apresentá-las.

Embora afirme Said Ali (1964) que o sufixo *-inho* seja acrescentado diretamente a palavras terminadas em consoante, e.g., *lugarinho*, as palavras terminadas em *r* parecem ter o sufixo *-zinho* como preferido (pelo menos no dialeto cearense): *marzinho, barzinho, parzinho, colarzinho, licorzinho, eleitorzinho, pintorzinho, doutorzinho, Edgartzinho, maiorzinho, menorzinho, dorzinha*. Poucas palavras com esse final apresentam o sufixo *-inho*: *colherinha / colherzinha, mulherinha / mulherzinha, florinha / florzinha*. O mesmo também parece ocorrer com aquelas terminadas em *l*: *papelzinho, anelzinho, Belzinha, casazinho, salzinho, pastelzinho, barrilzinho, lençolzinho, solzinho, azulzinho*.

Na verdade, conquanto o uso desses sufixos diminutivos mereça um tratamento à parte, que não cabe nos limites deste estudo, a dupla possibilidade sufixal parece caracterizar as palavras terminadas em vogal átona. Para as terminadas em tônica oral, o sufixo *-zinho* tende a ocorrer praticamente sem exceção: *guaranazinho, fubazinho, bonezinho, bauzinho, cajuzinho*.

Esse detalhamento, um tanto intuitivo, das particularidades dos sufixos formadores de diminutivo se faz necessário para a compreensão do instrumento (anexo) com que se testou o saber tácito do falante sobre a acentuação lexical do português. Nele utilizaram-se palavras derivadas, veiculando-se, através dos sufixos formadores de diminutivo, a informação morfológica sobre os constituintes das palavras primitivas a fim de que os sujeitos pudessem determinar a sua acentuação.

Esperou-se que, apresentando-se o sufixo *-zinho* em palavras terminadas por vogal *-a, e, o -*, os sujeitos acentuassem a última sílaba da palavra primitiva e, apresentando-se *-inho*, acentuassem a penúltima, uma vez que, como vimos, em vogal tônica, o *-zinho* tende a ocorrer praticamente sem exceções.

Como na formação de diminutivo de palavra primitiva terminada em consoante *-l, r -* o sufixo *-zinho* também prevalece, não obstante a sílaba final ser átona ou tônica, a apresentação desses diminutivos nenhuma informação forneceria sobre a sílaba tônica da primitiva. Este sufixo, contudo, em oposição a *-inho*, informaria sobre a acentuação daquelas terminadas em vogal.

Com base nos pressupostos da fonologia gerativa que afirma depender a acentuação no português da informação sobre os constituintes morfológicos da palavra e não da informação fonológica da sílaba final, como intuíram os nossos primeiros gramáticos e ortógrafos, supôs-se que apresentando-se os diminutivos, os sujeitos teriam acesso à informação morfológica sobre o radical de palavras terminadas em vogal e assim distinguiriam radicais temáticos - acentuados na penúltima sílaba - de radicais atemáticos - acentuados na última. Quanto à informação morfológica sobre radicais terminados em consoantes, esta seria neutralizada.

Tentou-se verificar, portanto, de acordo com a regra geral dos nomes, proposta por Mateus et al. (1983), se haveria diferença na indicação da posição acentual entre

radicais temáticos e atemáticos terminados em vogal, e entre atemáticos em vogal e atemáticos em consoante.

Buscou-se, ainda, examinar se radicais atemáticos em vogal apresentariam uma frequência de acentuação na última sílaba superior a da penúltima, e se os radicais temáticos apresentariam o inverso: uma frequência de acentuação na penúltima superior à da última.

Além de apresentarem-se os diminutivos de radicais temáticos e atemáticos terminados em vogal e contrastados mediante a oposição distribucional dos sufixos *-inho* e *-zinho*, outras pseudopalavras, desacompanhadas de informação morfológica, foram fornecidas aos sujeitos, com a finalidade de verificar, pela ausência dessa informação, a efetividade do uso do sufixo como veiculador de informação morfológica.

Os sujeitos do experimento foram vinte alunos universitários cearenses. O instrumento (anexo) foi aplicado pela pesquisadora, que não lhes forneceu qualquer instrução a não ser as constantes do próprio instrumento.

Com as devidas limitações que um estudo desta natureza possa sofrer, o que impede generalizações definitivas sobre a acentuação no português, alguns pontos merecem destaque, mais no intuito de suscitar questões do que fornecer respostas.

Apresentando-se a forma derivada, ou seja, o diminutivo, a frequência acentual na última sílaba dos radicais temáticos diferencia-se significativamente daquela dos radicais atemáticos, como se pode verificar na tabela 1.

Tabela 1. Frequência de acentuação de radicais temáticos e atemáticos, por sílaba.

Sílaba	Temáticos	Atemáticos	Df.
Penúltima	0,93	0,7	0,16*
Última	0,07	0,23	-

* Diferença significativa a nível de .01 ($z_{obs} > 2,58$)

Comparando-se radicais temáticos e atemáticos terminados em vogal, os dados acima apontam uma maior frequência de acentuação na última sílaba dos atemáticos e uma maior frequência na penúltima dos temáticos. No entanto, os radicais atemáticos foram significativamente mais acentuados na penúltima sílaba (77%) do que na última (23%).

Se a informação morfológica veiculada através da oposição sufixal *-inho* vs *-zinho* foi suficiente para diferenciar a acentuação entre radicais temáticos e atemáticos, por que não o foi para determinar, nesses últimos, uma frequência de acentuação oxítônica superior à paroxítônica? Esta é uma das várias questões que demandam elucidacões.

Para controlarmos o efeito da presença do sufixo, comparamos radicais temáticos e palavras desacompanhadas de diminutivos. Seria de esperar que a acentuação dessas últimas não diferisse significativamente das daquelas, uma vez que os radicais temáticos seguem o padrão acentual do português, paroxitonal. Se o falante não tem acesso a

qualquer informação morfológica sobre os constituintes da palavra é de se supor que lhe confira o padrão acentual de sua língua. Os dados confirmam essa suposição. (Ver tabela 2).

Tabela 2. Frequência de acentuação de radicais temáticos e palavras sem informação morfológica, por sílaba.

Sílaba	Temáticos	Palavras	Df.
Penúltima	0,93	0,98	-0,05
Última	0,07	0,02	0,05

Segundo os resultados das tabelas 1 e 2, podemos afirmar que, para os sujeitos do experimento, a presença dos sufixos *-zinho* e *-inho*, por sua previsibilidade na formação de diminutivos, foi suficiente para informar-lhes sobre a constituição morfológica dos radicais primitivos. Além disso, a ausência dos sufixos para eles provoca a mesma acentuação que a presença do *-inho*: sem conhecimento morfológico sobre a palavra, eles indicam a penúltima vogal da palavra como aquela sobre a qual incidiria a acentuação.

Segundo Mateus et al. (1983), as palavras terminadas em consoante são sempre radicais atemáticos, acentuados na última sílaba, ou são itens marcados no léxico como excepcionais, e.g., *nível*, *caráter*. Sendo radicais atemáticos acentuados pela regra geral dos nomes, teriam uma acentuação semelhante à daqueles terminados em vogal, ou seja, acentuação na última sílaba. Sob esse ângulo, seria possível portanto prever que aqueles terminados em vogal e os terminados em consoante não diferissem. Os resultados, porém, não confirmam essa hipótese.

Tabela 3. Frequência de acentuação de radicais atemáticos terminados em vogal e em consoante, por sílaba.

Sílaba	Vogal Final	Consoante Final	Df.
Penúltima	0,77	0,08	0,69*
Última	0,23	0,92	-0,69*

* Diferença significativa a nível de .01 ($z_{\text{obs}} > 2,58$)

Os dados mostram que a presença da consoante na sílaba final da palavra corresponde a uma frequência de acentuação na última sílaba significativamente superior à presença da informação, fornecida através do sufixo, sobre os constituintes morfológicos da palavra.

Se, por um lado, a oposição sufixal é suficiente para a discriminação entre radicais temáticos e atemáticos, como mostram os dados da tabela 1, por outro, essa oposição parece ser muito menos saliente do que a presença de uma consoante na sílaba final, como indicam os dados da tabela 3.

Supondo, com os gerativistas, que a estrutura fonológica da sílaba final não tenha qualquer interferência sobre a acentuação das palavras do português, e, com Câmara (1977), que a presença da consoante apenas reduz a frequência de outros tipos de acentuação, como explicar os

resultados alcançados? Seriam eles apenas uma indicação sobre a frequência acentual dada como regular? E se o fossem, que elementos presidiriam essa regularidade? Sendo uma gramática gerativa um modelo do conhecimento da língua de um falante, e não havendo dois falantes que possuam o mesmo conhecimento, o que está em jogo na regularização desse fenômeno lingüístico? Por que o acesso à informação morfológica sobre os constituintes de palavras terminadas em consoante é significativamente superior ao daquelas terminadas em vogal? Se as palavras terminadas em consoante tanto podem ser acentuadas por regra, na última sílaba, ou acentuadas no léxico, na penúltima, e as terminadas em vogal (do instrumento usado) poderiam ser acentuadas por regra na última ou penúltima, por que os sujeitos atribuíram às primeiras uma percentagem de acentuação oxítona de 92%, e às últimas (terminadas em vogal) apenas de 23%?

5. CONCLUSÃO

Uma das questões relevantes com respeito ao acento lexical de um sistema fonológico particular consiste em determinar se o acento é previsível ou não. No português, assim como no castelhano, o acento léxico é parcialmente previsível. A previsibilidade no português se relaciona, segundo Mateus et al (1983), à constituição morfológica das palavras. No castelhano, segundo Contreras e LLeó (1982), resulta do fato de que o léxico não verbal dessa língua, “com exceção das palavras agudas terminadas em vogal, recebe acento por meio de regras”. Esses autores partem da hipótese de que a acentuação normal “é na última sílaba se a palavra termina em consoante, e na penúltima se termina em vogal. Toda palavra que se desvie deste padrão requer um ou dois diacríticos em sua representação lexical. Palavras como *hipótesis*, *asíndeton* requerem diacríticos nas duas últimas vogais; palavras como *gramática*, *teléfono* requerem um diacrítico na penúltima vogal, e palavras como *crimen*, *árbol* requerem um diacrítico na última” (p.119).

Essa hipótese formulada para a acentuação do castelhano parece-nos mais compatível com o saber acentual não-aprendido dos falantes do português do que os postulados de Mateus et al. Aliás, em 1978, Costa já apontava a necessidade de um tratamento diferenciado para o acento de formas verbais e nominais do português, reconhecendo nas primeiras um condicionamento morfológico e, nas últimas, um fonológico e a referência ao peso silábico, o que em parte parece conciliar-se com o saber tácito dos falantes do português e com as intuições de Fernão de Oliveira e Gonçalves Viana.

O modelo proposto por Liberman e Prince (1977) também abre perspectivas para uma análise do acento no português que considere os condicionantes fonológicos - segmentais e prosódicos. A noção da proeminência relativa, como uma relação definida na estrutura dos constituintes sejam eles sintagmas, palavras ou sílabas, mais do que em

segmentos particulares, proeminência que recorrendo a categorias relacionais - forte/fraca - ao tornar um elemento forte necessariamente torna seu vizinho fraco, parece mais uma vez ter sido intuída por Fernão de Oliveira, há mais de quatro séculos. Dizia ele:

mais tempo tem esta vogal a grande em gasto do que em galo, e mais tem esta letra e em presto do que em perto [...] mais soa e pequeno na penúltima de escreveste que de memórea, porque em escreveste tem adiante, na mesma sílaba, uma letra consoante, s, e em memórea tem logo outra vogal em outra sílaba, a qual lhe tira parte da voz, porque 'dois sapateiros juntos abatem a venda um ao outro' e 'os estados baixos junto com os poderosos parecem muito menos. (1975, p.74).

Os dados levantados relativos à acentuação de neologismos, erros de acentuação e acentuação de pseudo-palavras parecem negar ser a constituição morfológica da palavra o único fator determinante na acentuação dos nomes no português, suscitando questões diversas que permanecem à espera de elucidações. Qual o peso da sílaba na acentuação do português? Qual a interferência da estrutura interna da rima da sílaba final na determinação do acento? Até que ponto os constituintes morfológicos determinam o acento nos nomes? Se esse fator é determinante, por que, tendo acesso aos constituintes de palavras de estrutura morfológica idêntica, os falantes nativos acentuam a penúltima sílaba das terminadas em vogal e a última daquelas terminadas em consoante? Se isto decorre de uma maior frequência da acentuação em determinadas condições na língua, o que determina esta maior frequência?

NOTAS

1. Apud Figueiredo, 1929, p.142.
2. Os resultados estão expressos em frequência relativa, definida pelo quociente da frequência simples de acertos acentuais, ou seja, localização acentual observada correspondente à esperada, e o número de ocorrência das palavras acentuadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, I. F. 1671. *Ortografia da lingua portugueza*. Lisboa, MDCLXXI.

BARROS, J. de. 1940. *Gramática da língua portuguesa*. José Pedro Machado, Lisboa.

CASTELÕES, Visconde de. (s/d.). *Dicionário de rimas*. Porto, Editorial Domingos Barreira.

CHOMSKY, N. & HALLES, M. 1968. *The sound pattern of english*. New York, Harper & Row.

CONTRERAS, H. e LLEÓ, C. 1982. *Aproximación a la fonología generativa*. Barcelona, Editorial Anagrama.

COSTA, I.B. 1978. *O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa*. Campinas, UNICAMP.

COUTINHO, I.de L. 1973. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

COUTO, H. H. de. 1985. Algumas tendências fonológicas do português. *XI Anais de seminários do GEL*. São Paulo, Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, p. 80-8.

ELIA, H. e ELIA, S. 1979. *100 textos errados e corrigidos - como escrever corretamente*. 26a. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves.

FEIJÓ, J. de M.M. 1824. *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Lisboa.

FIGUEIREDO, C. 1929. *A ortografia do Brasil - história e crítica*. 3a.ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora.

FROMKIN, V.A. 1988. Grammatical aspects of speech errors. In F.J. Newmeyer (Ed.). *Linguistics: the Cambridge survey - linguistic theory: extensions and implications*. Vol.II. Cambridge, Cambridge University Press, p. 117-38.

GAK, V.G. 1976. *L'orthographe du français - essai de description théorique et pratique*. Paris, SELAF.

GELB, I.J. 1962. *A study of writing*. Chicago, the University of Chicago Press.

GOLDSMITH, J. 1989. *Syllable structure*. Blackwell Press.

HALLE, M. Knowledge unlearned and untaught: what speakers know about the sounds of their language. In M. Halle, J. Bresnan & G.A.Miller (Eds.). *Linguistic theory and psychological reality*. Cambridge, The MIT press, p.294-303.

KENSTOWICK, M. & KISSBERTH, C. 1979. *Generative phonology - description and theory*. New york, Academic Press.

LIBERMAN, M. & PRINCE, A. 1977. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, v.8 (2): 249-336.

LUFT, C.P. 1985. *Grande manual de ortografia Globo*. Rio de Janeiro, Globo.

MAJOR, R.C. 1985. Stress and rhythm in brazilian portuguese. *Language*, 61(2): 259-82.

MARTINET, A. 1971. *A linguística sincrônica*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

MATEUS, M.H. et al. 1983. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina.

MATTOSO CÂMARA JR., J. 1977. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2a. ed., Rio de Janeiro, Padrão.

MOHANAN, K.P. 1986. *The theory of lexical phonology*. Dordrecht, D. Reidel Publishing Company.

MONTEIRO, J.L. 1986. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza, EDUFC.

OLIVEIRA, F. de. 1536. *A gramática da linguagem portuguesa*. Por Maria Leonor Carvalhão Buescu. 1975. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

- SAID ALI, M. 1964. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo, Edções Melhoramentos.
- SANTOS, D. 1941. *Fundamentação da grafia simplificada*. 2a.ed., Rio de Janeiro, Gráfica Laemmert Ltda.
- THIMMONIER, R. 1967. *Le système graphique du français*. Paris, Librairie Plon.
- VIANA, G.A.R. 1904. *Ortografia nacional - simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa, Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso.

ANEXO

INSTRUÇÃO:

Abaixo voce ira encontrar um elenco de frases e de palavras. Muitas das palavras sao inventadas. A maquina de escrever usada para a reproducao destas frases ou palavras nao possui cedilha nem acentos graficos.

Como as palavras sao inventadas, use sua intuicao de falante do portugues para indicar a silaba que voce acha que deveria ser a tonica.

A) Leia cada frase e sublinhe APENAS A SILABA que voce indicaria como tonica nas palavras em **negrito**:

01. Xevinho e diminutivo de **xeve**.
02. Padazinha e diminutivo de **pada**.
03. Petorzinho e diminutivo de **petor**.
04. Mafinha e diminutivo de **mafa**.
05. Lepinho e diminutivo de **lepo**.
06. Lexezinho e diminutivo de **lexe**.
07. Fatarzinho e diminutivo de **fatar**.
08. Poralzinho e diminutivo de **poral**.
09. Madozinho e diminutivo de **mado**.
10. Temolzinho e diminutivo de **temol**.
11. Fepazinha e diminutivo de **fepa**.

B) Abaixo voce encontrara pares de palavras. Em cada par, a silaba grifada pode ser a tonica. Se estas palavras fossem do portugues, qual a forma que voce escolheria para pronunciar em cada par? Assinale com um x.

- | | | | |
|-------|-----|-------|-----|
| lafo | () | lafo | () |
| bacor | () | bacor | () |
| petel | () | petel | () |
| bifa | () | bifa | () |
| xepe | () | xepe | () |